

# FÁBIO RAMOS

UM CÁLICE D'NHA TERRA



Quando **Fábio Ramos** veio ao mundo, em 1990, na ilha de São Nicolau, a voz imortal de Cesária Évora começava a trilhar os primeiros passos da sua trajetória internacional. Embora os seus destinos jamais se cruzassem, a música, com a sua força silenciosa, aproximaria os seus caminhos de maneira única e indelével.

Aos 10 anos, Fábio e a sua família mudaram-se para o Mindelo, na ilha de São Vicente, um lugar pulsante de arte e cultura, onde a Diva dos pés descalços, nascida e criada nas suas ruas, deixava um legado incomparável. Foi ali, no seio dessa cidade vibrante, que Fábio tocou pela primeira vez as cordas do violão do seu tio e, ao mesmo tempo, descobriu a magia da única e incomparável de Cesária, como se a melodia da Morna fosse parte intrínseca do seu ser.

Em 2005, com a energia irreverente da juventude, Fábio encontrou o rap. Com a sua amiga Nana e outros amigos, formou o grupo Rap Soldiers, um retrato do Mindelo nas suas letras e batidas. Não havia ambições grandiosas, apenas a diversão de quem, com o microfone em mãos, sentia o pulso da cidade em cada verso. Era uma época de descobertas, onde a música era um espelho da identidade local e a

alma de Fábio estava em sintonia com o ritmo da cidade.

Entretanto, aos 18 anos, o mar começou a fazer um intenso chamamento. A vista do porto do Mindelo, com as suas águas azuis e a serenidade, fazia Fábio sonhar com horizontes mais amplos. Decidiu, então, seguir os passos do pai, um marinheiro experiente, e atravessar os mares do mundo. A resistência do pai, que demorou um ano, não foi suficiente para deter seu desejo de explorar o vasto desconhecido. Aos 19, tornou-se marinheiro. A jornada, embora cheia de aventuras, trouxe consigo uma nova face da solidão: a saudade, a *sodade*, que se fez presente com o peso do exílio e da distância.

Enquanto navegava pelos mares, Fábio sentia cada vez mais a ausência do Mindelo, da família, e de sua terra. O isolamento, a solidão das viagens intermináveis, a dor do afastamento... tudo isso formava uma tempestade interna que parecia nunca cessar. A *sodade* — aquela nostalgia característica de Cabo Verde, imortalizada na canção de Cesária — tornou-se uma amiga silenciosa, uma melancolia que Fábio já não podia ignorar.

Foi então que, no íntimo de sua cabine solitária, ele decidiu transformar a dor em arte. O seu pequeno estúdio improvisado, com um laptop e uma guitarra, tornou-se o seu refúgio. Ali, nasciam mornas melancólicas, coladeiras que dançavam com o espírito das noites de isolamento, e balançavam ritmos para manter o ânimo. Eram as primeiras composições, cruas e sinceras, expressando a saudade da terra, do amor e da vida.

Em 2018, o peso da *sodade* foi mais forte. A saudade do Mindelo, da sua gente, das cores e sons da sua cidade natal, levou Fábio a regressar. Já não aguentava mais a distância, a dor do exílio. No Mindelo, a história da sua vida daria um novo rumo. Foi lá que encontrou José da Silva, o produtor que antes havia trabalhado com Cesária Évora, e que agora se tornava mentor de um novo capítulo musical de Fábio. Com a colaboração de Hernâni Almeida, violonista talentoso, e a ajuda de outros músicos, ele gravou o álbum "Um Cálice".

O álbum, composto por dez faixas, é um retrato do que o Fábio sentiu durante as suas andanças pelos mares e o seu retorno ao Mindelo. Oito das músicas são de sua autoria, sendo as outras duas escritas por Manolo e José Lopes. A sua voz suave e lúdica reverbera em cada canção, em cada acorde, trazendo à tona mornas e coladeiras que falam de amores, saudades e viagens. "Um Cálice" é uma metáfora da vida: um copo cheio de histórias, emoções e lembranças que nunca deixam de ser saboreadas.

Fábio Ramos sabe bem de onde vem. Vem de um arquipélago onde a música é a alma do povo, onde vozes como as de Mirri Lobo, Bana e, sobretudo, Cesária Évora, continuam a inspirá-lo. Mas é agora, com o seu próprio estilo, que ele se coloca no caminho dos grandes mestres, acreditando que pode deixar sua própria marca no patrimônio musical de Cabo Verde.

*"As minhas músicas falam do que sentimos falta hoje", diz Fábio. "Compreensão, amor e felicidade." E talvez seja essa a maior contribuição que ele pode dar ao legado da música de Cabo Verde: transformar a saudade em canção, a dor do exílio em poesia, e mostrar, com humildade, que a sua voz também pode ecoar junto aos grandes que, na sua terra, foram a luz que sempre brilhou.*